

A alegria de Jesus

*Elo, homem de fé,
Ouvira alguém dizer, um dia,
Que Jesus, em legando a paz ao mundo,
Também deixara aos homens,
Junto à bênção da paz, em sentido profundo,
O dom celeste da alegria.
A calma ele encontrara esquecendo as ofensas
E cumprindo o dever que lhe cabia.
No entanto, onde encontrar o júbilo do Mestre,
Entre as contradições do caminho terrestre?*

*Buscou sinceramente o serviço das crenças...
Todas elas traçavam
A senda nobre e reta,
Mostrando a fé por meio e os altos Céus por meta,
Mas, muitos dos fiéis, quase em todos os cultos,
Eram tristes, amargos, sofredores;
Pediam proteção, chorando as próprias dores,
Fossem jovens ou adultos,
Em vasta maioria,
Oravam tão-somente a rogar e a gemer;
Pouca gente sabia agradecer
Ao chão que lhes doava água, apoio e comida,
Nem pensar na grandeza
Da própria natureza
Que lhes acalentava os dons da vida.*

Onde estava a alegria de Jesus?

*Ele foi procurá-la
No cimo da montanha,
Entretanto, a montanha em plena luz
Que o Sol lhe endereçava em raios cor de opala,
Era bela e altaneira,
Mas lamentava os temporais
Que lhe abriam no corpo as chagas da erosão.*

*Foi ao vale a se abrir em pompas naturais
Na beleza das flores...
O vale era um jardim de perfume e cores,
Mas censurava as larvas que o feriam...*

*Ele foi consultar
As áreas de um pomar,
As árvores mais fortes e mais belas
Talvez fossem as altas sentinelas
Da divina alegria...
As árvores, porém,
Todas vestindo em verde, alegres e felizes
Sobre os sapatos das raízes,
Davam a quem passasse os próprios frutos,
Entretanto, queixavam-se do vento,
Que lhes quebrava o corpo, ao furacão violento.*

*O homem foi ao mar...
O oceano que se reconhecia
O gigante maior, existente no mundo,
Expressava-se em cólera sombria,
Talvez gritando a dor em que vivia,
Por ocultar, no próprio fundo,
As vítimas de guerra
E os resultados da pirataria...*

*Ele peregrinou, quase que em toda a Terra,
Sem achar a alegria de Jesus.*

Numa noite, porém, chuvosa e fria,
Lobrigou na calçada
Um velhinbo caído sem ninguém...
Sofreu ao ver-lhe o peito e os braços nus;
Não quis saber quem era...
Ali estava alguém
Que devia tratar qual se lhe fosse irmão.
Conhecia um telheiro próximo e vazio,
Podia socorrê-lo e livrá-lo do frio.
Tomou-o com cuidado,
Aconchegando ao peito o infeliz desmaiado;
No entanto, ao dedicar-lhe a máxima atenção,
Sentindo que lhe ouvia o próprio coração,
Notou que lhe nascia
No âmago do ser um júbilo profundo
Associado à paz de que se revestia.
Ao transportar o pobre ancião,
Ele reconheceu que descobria,
Sob o calor de estranha luz,
Em sublime alegria,
A celeste alegria de Jesus.

Desde então, muito embora
Cumprisse as obrigações de cada hora,
Em todos os sentidos,
Fez-se o irmão dos caídos...
Carregava esses pobres companheiros
Que encontrasse na rua
Para abrigos, refúgios e telheiros.
Não só isso,
Doava sempre a quem necessitasse
A própria prestação de apoio e de serviço...

O tempo desgastou-lhe o corpo alterado e doente...
Ele, porém, sentia-se feliz,
Servindo sem cessar
Na mesma diretriz.

Numa noite, entretanto, ele caiu,
Ao carregar um ébrio desditoso...
Estirado no pó, quase que num instante,
Viú-se fora do corpo enfermo e idoso...
Sob dor lancinante,
Qual se agudo punhal lhe traspassasse o peito...

*Fitou o antigo corpo imóvel,
Conquanto fraco, embora,
Usufruiu agora
Um corpo mais perfeito.
Sentiu-se um tanto inquieto... O que seria?
Mas alguém se mantinha de vigia...
Era um homem trajando um manto acolbedor
Que lhe estendia os braços num sorriso
Feito de paz e amor...*

*E ele que carregara tanta gente
Viui-se, então, transportado, de repente,
Esquecendo a doença, o desgaste e o cansaço,
Notou que resguardado com carinho,
Ele e o homem de luz
Subiam juntos para o Grande Espaço...*

*Que se passava ali? O que haveria?
Ele não quis saber... Repousava e seguia
Nos braços que o guardavam,
Atento ao benfeitor que o conduzia;
Ele sabia apenas
Que atravessava as regiões serenas
Da Altura recamada
De branda e extensa luz
Buscando o Grande Além, chorando de alegria,
Na celeste alegria de Jesus.*

Convite de irmã

*Sofres, de longa data, o rude assédio
De provações, dentro de casa:
É o pai doente, é o filho que se atrasa
Nos deveres do estudo, entre os quais se habilita
Para a vida melhor, mais nobre e mais bonita;
É a filha habituada ao desencanto e ao tédio
Em que parece alienada;
São os amigos e irmãos de palavra dourada
Que te falam de amor e de carinho
E te deixam nas pedras do caminho...*

*Não te entregues, no entanto,
À tristeza vazia.
Sai de ti mesmo e vem conosco à escola
Onde a força do Bem nos reanima e consola,
Doando-nos apoio e companhia.
Começemos o nosso aprendizado
De aplicação à prática do Bem:
Muito perto de nós, em único recanto,
Com todo o fel que a privação contém
Agoniza um enfermo sem ninguém.*